

RUBEM ALVES

A
PEDAGOGIA
DOS CARACÓIS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



RUBEM ALVES

A
PEDAGOGIA
DOS CARACÓIS



Grupo Editorial Record

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A477p

Alves, Rubem, 1933-

A pedagogia dos caracóis [recurso eletrônico] / Rubem Alves.
Campinas, SP : Verus, 2011.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

1011070 05 2006 443 0 / 1011070 05 2006 443 0

ISBN 978-85-7686-147-8 (recurso eletrônico)

1. Crônica brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-5138

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

Editora

Raíssa Castro

Copidesque

Ana Paula Gomes

Revisão

Anna Carolina G. de Souza

Capa & Projeto Gráfico

André S. Tavares Silva

© Verus Editora, 2010

Algumas destas crônicas foram previamente publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Correio Popular* e na revista *Educação*.

VERUS EDITORA LTDA.

Rua Benedito Aristides Ribeiro, 55

Jd. Santa Genebra II - 13084-753

Campinas/SP - Brasil

Fone/Fax: (19) 3249-0001

verus@veruseditora.com.br

www.veruseditora.com.br

GRUPO EDITORIAL RECORD

www.record.com.br

SUMÁRIO



Parte 1: PARA OS PAIS

A cebola

Livro que faz chorar

Os livros e a infidelidade

QI-WI

A pedagogia do furto

Parte 2: PARA OS EDUCADORES

A libélula e a tartaruga

Quanto custa um diploma?

Em busca da infância perdida

A sala da diretora

Os vestibulinhos

O ninho do guaxo

A gripe literária
Defendendo-se dos adultos
Aprendendo com as caravelas
Professores de que não me esqueço
Avaliação: a máquina de fazer salsichas
Primeiro amar, depois conhecer
A pedagogia dos caracóis

Parte 3: PARA A VIDA

Meditações sobre a felicidade
Inteligências e lâmpadas
Albert Schweitzer

A CEBOLA



Pegue uma cebola e corte-a ao meio. Olhe bem para ela, com olhos de criança. Se você não sabe o que é o olhar de uma criança, leia o poeta Alberto Caieiro para aprender. Uma paciente minha, dos tempos em que eu exercia a psicanálise, olhou para uma cebola cortada ao meio com olhos de criança e ficou tão espantada com o que viu que pensou que estava ficando louca. Uma cebola cortada é um espanto. Todos aqueles anéis, perfeitos, agarradinhos uns nos outros, sem folgas intermediárias. A natureza tem alma de artista. Agora, figure que uma cebola cortada é um modelo do mundo! Bem no centro, lá onde o primeiro anel é tão pequeno que não chega a ser anel, ponha uma criança. Imagine que os anéis são os mundos que ela precisa conhecer para viver. Ela só pode conhecer o anel que a está envolvendo naquele momento. Conhecer é ir comendo o mundo. Quando se come o mundo, ele passa a ser parte do corpo da gente. Mas não é possível comer o que está longe. Só se pode comer o que se pode morder. E só se pode morder o que está próximo. Não é possível pular anéis. Só se pode comer o

quarto anel depois que o corpo comeu o primeiro, o segundo e o terceiro.

A cebola cortada me sugeriu a forma como o currículo escolar deveria ser organizado – como os anéis de uma cebola, na ordem certa. O que estaria contido no primeiro anel? A resposta é fácil: o primeiro anel que abraça a criança é a sua casa.

Lembrei-me então da resposta do Amyr Klink, ao ser perguntado sobre o que seria a escola ideal para os seus filhos. Ele respondeu que era uma escola que havia encontrado numa ilha, se não me engano na costa da Noruega. Lá as crianças aprendiam tudo que precisavam aprender construindo uma casa *viking*! Construir! Pensar e fazer! Poucas pessoas se dão conta do poder que as mãos têm para ajudar a inteligência a aprender.

Não fui ousado a ponto de imaginar a construção de uma casa. Mas pensei que a casa onde a criança mora, o primeiro anel da sua cebola, é um universo imenso, cheio de provocações ao conhecimento.

Primeiro, a casa como objeto matemático, com seus ângulos, triângulos, linhas horizontais, verticais, paralelas, proporções e simetrias. Depois, a casa como objeto da física, a composição de forças no travamento do telhado, o prumo, o nível, os vasos comunicantes (todo pedreiro faz uso deles sem saber o nome), a caixa de ferramentas – o martelo, o serrrote, a pua –, a física dos materiais – a madeira, o vidro, a cerâmica, o plástico –, a eletricidade que esquenta, a eletricidade que esfria, a eletricidade que faz girar, a eletricidade que ilumina, a eletricidade que produz música. Aquele laboratório de química chamado cozinha – o fogo, os alimentos, os temperos. O mundo das coisas vivas – as baratas, as traças, os tatuzinhos, os piolhos, os pássaros, as aranhas, os cachorros, os gatos, os peixes, os pernilongos, os mosquitos da dengue, os caramujos. O mundo das doenças e da saúde, os primeiros socorros. O lixo, as privadas, a urina, o cocô (para onde vão?), o meio ambiente. O mundo da cultura – as revistas, os livros, a televisão, o jardim, os quadros.

Fiquei encantado com a minha ideia porque eu mesmo gostaria de seguir um currículo desses. Gostaria de conhecer a casa em que moro. Mas não conheço. Aperto uma infinidade de botões que fazem as coisas acontecer, mas não sei por que elas acontecem, e quando não acontecem fico perdido e tenho de chamar o técnico. Pensei que as crianças gostariam da ideia como eu gostei. Aprendendo sobre a casa, aprendemos sobre o mundo todo. Pois o mundo todo é a grande

casa em que moramos, o último anel da cebola...

LIVRO QUE FAZ CHORAR



Uma livreira me contou. Um pai foi à livraria e comprou *O patinho que não aprendeu a voar* para o filho. No dia seguinte voltou muito bravo, levando o livro de volta. “Meu filho chorou ao final do livro. Ainda chora quando se lembra do patinho que não aprendeu a voar. Isso é livro para se dar a uma criança?”

Eu compreendo. Ele quer que o filho só tenha alegrias. Quer que os livros que o filho lê sejam engraçados e façam rir. As crianças não deveriam ler livros que fazem chorar.

Mas tristeza não é coisa ruim. A poesia brota da tristeza. Alberto Caeiro escreveu, em “Eu nunca guardei rebanhos”:

Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada

Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego

Porque é natural e justa

E é o que deve estar na alma

[...].

Escrevi muitas estórias alegres e que fazem rir. Mas as que mais amo são aquelas que fazem chorar.

Por que é que o menino chorou ao ler a estória do patinho que não aprendeu a voar? Porque sentiu aquilo que minha neta sentiu. Ela falou, em meio às lágrimas: “Vovô, eu não consigo ver uma pessoa sofrendo sem sofrer. Quando vejo uma pessoa sofrendo, o meu coração fica junto do coração dela...” Ela e o menino sentiram compaixão. Seu coração ficou junto do coração de alguém ou de algum bichinho que estava sofrendo. Sofreram um sofrimento que não era seu.

Tenho estado a me perguntar: Como ensinar a compaixão? Porque de que vale conhecimento sem compaixão? Somente o conhecimento com compaixão cria a bondade. E uma sociedade em que não existe bondade não é digna de que vivamos nela. Como a nossa, em que a bondade foi espremida nos cantos e as ruas se encheram de medo.

Gandhi relata que a experiência que mudou seu coração foi a leitura de um livro. Ele era ainda adolescente. O livro o comoveu tanto que ele queria ser como o herói, nobre e generoso. Esse sentimento o acompanhou pelo resto da vida. Seu coração ficou junto do coração do herói. E não importava que o herói nunca tivesse existido, que fosse apenas ficção literária. Pois é isso que a literatura faz – ela se despreza da vida real para dar-lhe sentido.

Livros engraçados são bons. O riso tem a importante função de mostrar que o rei está nu. Mas não conheço nenhum caso de uma pessoa que tenha sido transformada por um livro engraçado. O riso provoca crítica, mas não compaixão.

Pensei então que esta poderia ser uma das maneiras de ensinar compaixão – lendo para o aluno ouvir. Mas, para que as estórias façam seus milagres, é preciso que o ouvinte seja possuído pelas palavras e levado ao sabor da voz de

quem lê.

Fiquei então pensando que seria melhor que gastássemos menos tempo com gramática e análise sintática, e mais com leitura. É na leitura que se aprende a língua. Leitura sem testes de compreensão, sem interpretações, o que é que o autor quis dizer etc. Pura emoção. Um texto não interpretado permanece vivo para sempre, porque permanece como um enigma que nos comove todas as vezes em que o lemos. Mas um texto interpretado é um texto esgotado de seu mistério, esquartejado sobre a mesa de anatomia da linguagem.

Eu gostaria de conversar com o pai do menino que chorou ao ler *O patinho que não aprendeu a voar*. O menino entendeu. Sentiu compaixão. Mas o pai não entendeu. Não chorou. Ou, quem sabe, ficou bravo não pelo choro do filho, mas por ter, ele mesmo, sentido vontade de chorar – mas não chorou de vergonha...

OS LIVROS E A INFIDELIDADE



Era uma mulher bonita que os olhos não conseguem ignorar. Seu marido sabia disso e vigiava os olhares de admiração dos homens. Tratava-se de uma situação sem maldade alguma, porque ela era uma mulher recatada e católica, e um pensamento de infidelidade jamais lhe passaria pela cabeça. O marido ficava se roendo de ciúmes, embora ela nunca tivesse lhe dado uma razão para desconfiança. Mas o ciumento não precisa de razões. Todos os gestos, para ele, eram indícios de uma infidelidade possível. Assim ela foi se retraindo, virando caramujo dentro da concha, ficando caseira para poupar-se da desconfiança do marido e para poupá-lo do sofrimento que a própria desconfiança lhe causava. O fato era que ela o amava. Seus limites domésticos não a afligiam muito, porque tinha um prazer enorme em literatura. Tomava um livro, assentava-se numa poltrona e punha-se a ler. O marido assentava-se longe, sem livro algum na mão, porque o que ele desejava era lê-la em busca de evidências para suas suspeitas.

Acontece que a leitura tem uma virtude paradoxal: ela nos faz abstrair do

mundo real. Mudamo-nos para um outro mundo, que aqueles que nos veem lendo não podem imaginar. Olho para a jovem assentada no banco do metrô. Sei onde ela está. Sei mesmo? Ela está lendo um livro. O fato de estar lendo um livro me diz que ela se encontra num outro lugar, que desconheço. O livro nos conduz a um lugar de intimidade só nosso.

Por vezes tenho a infelicidade de me assentar ao lado de um chato. Há muitas definições possíveis para um chato, porque a chaticice é multiforme. Uma das definições possíveis é esta: um chato é uma pessoa que acha que aquilo que tem para falar é mais interessante que o livro que estamos lendo. Para resolver essa situação, há dois caminhos: ou ser grosseiro ou ser mais chato que o chato – começamos a contar para ele o livro que estamos lendo. Ele logo fugirá de nós pelo artifício do sono, deixando-nos em paz.

Sem sair do lugar, a mulher entrava num outro espaço, do qual seu marido estava ausente. Ele a via sem saber onde ela estava. Ler é um jeito de fugir do outro. Aí acontecia o insuportável para o marido – observando o rosto da esposa, ele notava sorrisos que, por vezes, se transformavam em riso! O que lhe estaria dando aquele prazer? Aqueles risos e sorrisos brotavam de uma profundidade de prazer da qual ele estava excluído. Mas é isto, precisamente, que o ciumento não pode suportar – que a pessoa amada tenha prazer sem sua presença. O que o riso inocente da esposa lhe dizia era o seguinte: “Não preciso de você para ter prazer”. A leitura, para ela, era um delicioso lugar de infidelidade.

Traduzindo para a linguagem política: a leitura é um lugar secreto de subversão. Toda subversão é, no fundo, infidelidade a olhos que nos vigiam. Os regimes totalitários sempre tiveram medo dos livros. A Igreja Católica chegou a formular um *Index Librorum Prohibitorum*, uma lista de livros de leitura proibida. Por quê? Porque os livros nos levam a outros mundos. Pela leitura nos alienamos da realidade para, depois de passear por outros mundos, voltarmos ao mundo em que vivemos e o vemos então de outra forma. Um livro que amamos na mão de uma pessoa desconhecida nos revela um conspirador – moramos no mesmo mundo!

Será que os jovens, com a lista de livros a ser lidos para o vestibular, se dão conta de que os livros são lugares de infidelidade e subversão?

QI-WI



Andrea é uma menina de 8 anos. Ela é inteligente.

O que é uma pessoa inteligente? Uma pessoa inteligente não é aquela que sabe as respostas. Para saber as respostas, basta ter boa memória. Uma pessoa inteligente é aquela que ouve as perguntas que estão nas coisas. Se é que você não sabia, aprenda: as coisas fazem perguntas. A pessoa inteligente ouve as perguntas que as coisas lhe fazem e trata de encontrar uma resposta. Veja estas perguntas feitas por crianças:

Por que é que a mesma água fervente que endurece o ovo amolece a cenoura?

Por que é que a Terra gira? Que a Terra gira todo mundo sabe. É coisa ensinada nas escolas. Mas por que é que ela gira? Houve alguém que rodou o pião? Pois a Terra não se parece com um pião que roda? O pião gira que gira. Mas, depois de muito girar, o giro vai perdendo a força e ele cai. A Terra, à semelhança do pião, vai parar de girar?

Por que é que a água da chuva cai em pingos e não toda de uma vez?

Como é que as palavras foram inventadas? Jacaré poderia se chamar borboleta, e borboleta jacaré?

Por que é que, se tentarmos nos equilibrar numa bicicleta parada, ela cai, mas se a fizermos correr ela fica equilibrada?

Como foi que o primeiro João-de-barro aprendeu a construir sua casa?

O que veio primeiro, o ovo ou a galinha? (Essa pergunta todo mundo faz, dando risada. Agora, leve a pergunta a sério: tente respondê-la...)

O senhor João, pedreiro meu amigo, olhou para as jabuticabas que sobravam no alto de uma jabuticabeira, longe de suas mãos. As mais doces – seriam comidas pelos passarinhos e pelos morcegos. As jabuticabas nas pontas dos galhos lhe fizeram uma pergunta: “Tem um jeito de você nos pegar?” Ele pensou e encontrou a resposta num tubo de PVC que estava jogado no chão. Pegou o tubo, encostou-o numa jabuticaba, deu um pequeno empurrão, a jabuticaba soltou do galho e escorreu por dentro do tubo até a mão dele, que a comeu, como comeu todas as outras.

E se eu lhe dissesse que até o cocô faz a inteligência pensar? Saindo do banheiro onde fora fazer cocô, o Pedrinho afirmou e perguntou no pensamento: *Eu fiz cocô. Na Terra vivem sete bilhões de pessoas. Todas elas fazem cocô diariamente. Quantas toneladas de cocô as pessoas colocam diariamente nos rios, lagos, mares e terras do mundo? E por ano? Aí ele multiplicou: Trezentas e sessenta e cinco vezes o tanto de cocô que se faz por dia... Olhando para o seu cocô, o Pedrinho fez perguntas que o levaram a ver a enormidade do problema ambiental que estamos enfrentando. Do cocô para o lixo, do lixo para os gases dos carros e das fábricas...*

O conhecimento e a ciência se iniciam quando as coisas nos provocam a fazer perguntas.

* * *

O Riobaldo, herói do *Grande sertão*: *veredas*, disse isto: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Vou traduzir para linguagem de falcão. O falcão está assentado sobre uma pedra, pico de uma montanha, lá embaixo o abismo. Nada está acontecendo. Aí ele vê uma lebre, refeição. Salta sobre o vazio, abre as asas, mergulha e chega – era uma

vez uma lebre... Assim é a inteligência: nem na partida nem na chegada, mas no voo, na travessia. Pensar é voar sobre um abismo onde ninguém voou.

A PEDAGOGIA DO FURTO



Enquanto meu pensamento vagabundeava pelas figuras de um livro de arte, veio-me repentinamente uma ideia que eu nunca tinha tido. Era uma ideia pedagógica insólita, que nunca vi mencionada nos compêndios de filosofia da educação. Tudo partiu de uma estória que me contaram. Era assim:

Um agente do governo, desses encarregados de ir pelos campos visitando pequenos sítios para dizer-lhes das últimas maravilhas da ciência, para assim melhorar suas colheitas, porcos e vacas, já estava desanimado. Visitava os sítios, conversava, bebia café aguado e doce, contava sobre os porcos melhores que eles poderiam criar. Ninguém discordava, mas ninguém fazia nada. Continuavam a criar os porquinhos carunchos, mirrados.

Aí ele desabafou sua tristeza com um desses sábios analfabetos que andam pelo mundo. “O sinhô tá usando a teoria errada”, o matuto disse. “O povo daqui é desconfiado. Num confia em dotô da cidade. Eles sabe que ninguém faz nada de graça. Cê fala e eles escuta cum educação, a maió atenção. Mais por dentro eles

tá pensando: *Que é que o dotô qué tirá di nósis?* Meu conseio: pará de visitá. Faça o sinhô um sítio, cerque de arame farpado, seis fio, e ponha escrito: 'Entrada proibida'. Aí eles vão preguntá: 'Que é que o dotô tá escondendo di nósis? Que é que nós pode robá dele?' Aí, de noite, eles vão lá, assuntá. Vão vê seus porco grande, gordo... Aí são eles que vão visitá o sinhô. No outro dia rosquinha, e no final eles vão dizê: 'Bonita a porcaiaada sua. Grande. Gorda...' Então, como quem num qué nada, aos poquinho, o sinhô vai educando eles... Aprendê é o jeito que eles tem de robá do sinhô."

Essa estória chamou minha atenção para o poder pedagógico da vontade de roubar. Santo Agostinho roubava peras do vizinho, peras azedas que dava para os porcos. Eu mesmo roubei pitangas e, para realizar meu furto, inventei uma maquineta de roubar pitangas. Roubar é uma grande alegria.

Agora, todo pai, mãe e professor fica atormentando os filhos e alunos para ler. Mas eles não querem. Ler é muito chato. Aconselho pais e professores a aplicar a sabedoria do sábio matuto. Livro que se deseja ler são os livros proibidos – era assim quando eu era pequeno. E a gente pegava o livro proibido e ia para a deliciosa leitura das passagens escabrosas.

Agora o jeito é outro. O pai compra o livro, recusa-se a ver o *Jornal Nacional*, se põe a ler e começa a dar risada.

– Pai, por que é que você está rindo?

– É esse livro aqui, meu filho.

– O que é tão engraçado?

– Não posso explicar agora...

Outra risada. O menino fica intrigado. Aí o pai leva o livro para a cama. O filho continua a ouvir as risadas do pai, dentro do quarto...

Contaram-me que a Rosely Sayão relatou que, na casa dela, havia um armário enorme, cheio de livros, fechados à chave. O importante, pedagogicamente, não eram os livros, eram as chaves.

Assim, quero sugerir aos pais que comprem livros para ser roubados. Aventuras do Asterix, do Calvin e da Mafalda. Os pais darão risadas verdadeiras, e os filhos planejarão roubos...

ALIBÉLULA E A TARTARUGA



Dizem que é estória para crianças. De fato, as crianças a acham divertida. Mas existe, nas entrelinhas, uma estória para os grandes. Ah! Como as entrelinhas são importantes! É nelas que estão escritas as coisas que só a alma pode entender. Por isso Jesus disse que “a letra mata, mas o espírito dá vida”.

O nome da estória é “A libélula e a tartaruga”. A libélula representa fragilidade, leveza, capacidade de pairar no ar, sem ponto de apoio, de fazer voos rápidos e inesperados. As libélulas são feitas as crianças. A tartaruga, ao contrário, é pesada, vagarosa, cartesiana, sólida, confiável – símbolo de um adulto maduro.

Mas o que é um adulto maduro? Eis o que o sociólogo Peter Berger diz dessa coisa a que damos o nome de maturidade:

A maturidade é um estado da mente que se acomodou, que está em paz com as coisas do jeito como elas são, que abandonou os sonhos mais loucos de aventura e realização. Não é difícil perceber que essa noção de maturidade é

funcional na medida em que dá ao indivíduo uma racionalização por ter encolhido seus horizontes (*Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*).

Os sólidos-*maduros*, por lhes faltar leveza, podem ter um fim trágico. Aconteceu com os dinossauros. Na estória que escrevi, a tartaruga foi transformada numa sopa deliciosa...

Gostaria de seduzir você, diretora, você, diretor, a brincar de libélula, ainda que seja só por um mês, para ver o que acontece. Brincar de libélula é assim:

Comece por se livrar de tudo que lhe dá peso. Tire as fotografias de secretários, governadores e presidentes de sua sala. Ponha no lugar fotografias de crianças, bichos e flores. Passe mais tempo fora da sala. Atrás da escrivaninha, você faz os trabalhos que os burocratas mandam. Mas fora da sala pode fazer as coisas que as crianças desejam. Elas desejariam ser suas amigas.

Proíba que crianças e adolescentes sejam enviados à diretoria por indisciplina. Eles acabarão por identificar a sua sala com um pelourinho. Recuse a função de guardador do patrimônio público. Fique mais com as crianças como animador de atividades. Você ficará mais jovem, e as crianças o amarão.

Mande fazer balanços para adultos no pátio da escola. E seja você aquele que inaugurar o balanço. Convide o prefeito para a inauguração. Garanto que ele tem saudade dos tempos em que podia balançar sem vergonha... Não dê muita bola para os relatórios. Eles não serão lidos e, se o forem, isso em nada contribuirá para a educação das crianças.

Você mesmo, transforme-se em contador de estórias. Para isso, deverá se preparar como um artista – passe a gastar parte de seu tempo doméstico com uma coisa deliciosa: ler estórias infantis. Olhe para os professores com um olhar manso. Não os tenha por subordinados, tenha-os por amigos. Afinal de contas, você não é diretor, mas *está* diretor, provisoriamente. Tenha tempo para conversar com eles fora de reuniões burocráticas. Fale pouco. Ouça muito. Não se esforce para ter razão. O desejo de ter razão é prova de mediocridade.

Jamais destrua uma opinião, por mais tola que lhe pareça. A pessoa que a emitiu acredita nela. E bem pode ser que a ideia tola seja a sua. Seja um pouco como Sócrates – aprenda a fazer perguntas e deixe que as pessoas concluam por si mesmas. Cuidado com os fuxicos. Eles nascem sempre da inveja. Leia a estória “A cizânia”, da coleção Asterix, cujo personagem central é um fuxiqueiro

de nome Tullius Detritus... Cada professor, cada aluno tem um coração. O coração dos alunos e dos professores vale mais que o programa. Cuide deles.

QUANTO CUSTA UM DIPLOMA?



No meu tempo de criança, as coisas eram mais simples. Os pobres matriculavam seus filhos nos grupos escolares para aprender a fazer as quatro operações básicas e a escrever. Pobre não precisa saber mais do que isso. As famílias de classe média tratavam de arranjar para os filhos um emprego no Banco do Brasil, o que lhes garantiria uma vida segura e monótona. E as mocinhas iam para a escola normal, de blusa branca e saia azul! Na verdade, o futuro que se pensava para as filhas não era intelectual – era um casamento, um marido sólido de bons antecedentes, que seria o responsável econômico pelo bem-estar da esposa e dos filhos. O diploma de normalista seria de valia se o casamento não acontecesse.

Já os ricos tratavam de mandar seus filhos para as capitais, para tirar diploma de médico, engenheiro, advogado, dentista. Para essas profissões, sempre haveria trabalho.

Os donos de colégios não pensavam em ficar ricos. Na verdade não havia

donos. Os colégios pertenciam a ordens religiosas católicas e a missionários protestantes; seu objetivo primordial, além do ensino, era a salvação das almas e o preparo de lideranças que levassem o país à frente – missão espiritual que não combinava com o espírito capitalista do lucro.

Mas o tempo passou, as coisas mudaram, a população cresceu. Muita gente querendo estudar, poucos colégios... Entra em funcionamento a lei da oferta e da procura – se existe uma demanda de algum tipo, a sociedade, por meio de seus vários mecanismos, cria meios para satisfazê-la. Criaram-se colégios de todos os tipos. O nome do colégio em que se matriculava um filho era indicação do *status* econômico do pai. O custo era índice de excelência. Muitos desses colégios se tornaram mitos.

Já nessa época, início dos anos 50, para entrar na universidade era preciso frequentar as melhores escolas e fazer cursinho. Porque a demanda era maior que a oferta – um número cada vez maior de candidatos queria entrar, e as vagas fixas não aumentavam. Era preciso selecionar. Muitos eram chamados, mas poucos seriam escolhidos.

É assim que se inicia essa enorme rede de instituições que se dedicam a preparar os alunos para passar no vestibular. Não importa o preço. Os ricos podem pagar. E, com isso, essas instituições se tornaram potências econômicas. Para os ricos, o custo não importa. Mas pesa muito sobre os ombros dos mais pobres. E nem é preciso dizer que os pobres de verdade não têm dinheiro para pagar o preço. Ficam de fora.

Porém os cursinhos não resolvem o problema – se há cem vagas e mil candidatos, novecentos terão de ficar de fora. O que fazer com esses novecentos que não entraram? Se cem pessoas querem entrar num ônibus que só tem lugar para cinquenta, o jeito é... trazer mais um ônibus! Inicia-se então, movido pela lei da oferta e da demanda, um processo de criação de faculdades e universidades. Ter uma faculdade de educação na sua pequena cidade é um atestado de excelência administrativa e cultural! Não sei quantas faculdades e universidades há no Brasil, mas penso que a maioria delas é privada.

A multiplicação de faculdades e universidades no Brasil não significa que o povo esteja ficando mais educado, ou que a educação tenha melhorado e se democratizado. É antes uma evidência de que a lógica econômica capitalista conseguiu transformar a educação em mercadoria.

Acontece, entretanto, que o número de diplomas distribuídos é muito maior que a quantidade de empregos oferecida. Ou seja, o problema, que era entrar numa universidade – o qual não existe mais, porque, com o aumento da oferta de vagas, matricular-se num curso superior virou coisa fácil –, foi transferido agora para a entrada no mercado de trabalho, que é o vestibular para a vida. Defrontamo-nos então com a triste situação de jovens diplomados e desempregados, que continuam a depender dos pais para sobreviver.

Não vejo nenhuma razão para que o diploma universitário seja o nobre objetivo da educação. Paul Goodman observa que uma quantidade enorme de jovens que estão nas universidades não deveria estar lá, porque sua vocação é outra. Mas toda a propaganda relativa à educação leva pais e jovens a crer que esse é o único caminho. Conheci, nos Estados Unidos, um professor universitário infeliz que só encontrou realização pessoal quando se demitiu de sua posição acadêmica e se transformou em motorista de caminhão.

EM BUSCA DA INFÂNCIA PERDIDA



O nome dele era Janusz Korczak, um educador que amava as crianças. Polonês, criou um orfanato em Varsóvia para recolher crianças abandonadas, de rua, órfãs e filhas de prostitutas. Quando a Polônia foi invadida pelos nazistas e se iniciou o programa de eliminação dos judeus, Korczak e suas crianças foram mandados para as câmaras de gás. Dizem testemunhas que ele as preparou para a morte como se estivessem entrando numa floresta misteriosa. Para que as crianças não tivessem medo.

Dois de seus livros me comoveram de maneira especial. Eu os amei antes de lê-los, só pelo título. O primeiro se chama *Como amar uma criança*. E o segundo, *Quando eu voltar a ser criança*.

O título do primeiro livro indica uma arte que não se encontra nos currículos das escolas de formação de professores: a pedagogia do amor. Se eu fosse escrever um livro sobre a pedagogia do amor, o primeiro capítulo seria “O olhar do professor”. É preciso saber olhar para uma criança. É nos olhos que o amor

primeiro se revela.

Os olhos têm um poder mágico. Um olhar pode tranquilizar ou amedrontar, mesmo que a boca não diga nada. A tranquilidade excita a inteligência. O medo a paralisa. Uma criança amedrontada não pode aprender.

Nos poemas de Adélia Prado se encontra uma mistura de misticismo, nostalgia, humor e erotismo. Vejam este verso malicioso que ela escreveu: “E o meu lábio zombeteiro faz a lança dele refluir...” Os psicanalistas logo interpretarão: lança é falo. O olho olha e ri com lábio de deboche. A lança ereta não resiste ao olho que ri e se transforma em macarrão cozido. Coisa parecida se poderia dizer do olhar do professor: “E o seu olho de zombaria faz a inteligência do aluno refluir...”

Roland Barthes, outro educador apaixonado pelas crianças, deu uma aula para um público erudito no Collège de France. Ali, explicou a forma como entendia uma aula, não importando que fosse de pós-graduação. Ela deve se inspirar na relação entre a mãe e o filho que brinca ao seu redor. “Que espantosos pedagogos nós éramos quando não nos preocupávamos com a pedagogia”, disse o escritor francês Daniel Pennac. As mães não se preocupam com a pedagogia. Na verdade, nada sabem sobre pedagogia. Mas sabem ensinar.

Quando a criança aprende a andar, a mãe não discorre nem demonstra: ela não ensina o andar [...]: ela sustenta, encoraja, chama [...], incita e cerca: a criança pede à mãe e a mãe deseja o andar da criança (Roland Barthes, *Aula*).

Gostaria pois que a palavra e a escuta que se trançarão aqui fossem semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em volta da mãe, que se afasta, depois volta para lhe trazer uma pedrinha ou um fio de lã, desenhando assim, em torno de um centro tranquilo, toda uma área de jogo, no interior da qual a pedrinha, a lã importam finalmente menos que o dom cheio de zelo que delas se faz (idem, op. cit.).

Em torno do centro tranquilo que é o olhar manso da mãe, a criança, à semelhança de uma aranha, vai tecendo sua teia de saberes.

O que vem primeiro? Em primeiro lugar, é preciso ensinar a ver. Assim

pensava Nietzsche. Mas peço permissão para fazer uma pequena correção: A primeira tarefa da educação é *reensinar* a ver. “Reensinar”, porque “ver” é aquilo que já tínhamos quando crianças e perdemos ao longo da escola. A escolarização se realiza à custa de uma série de perdas impostas às crianças para que, no vazio que elas deixam, se coloque o ser do adulto.

Um dos livros que mais prazer me deram quando criança foi *Pinóquio*. Mas, quando fiquei mais velho, aprendi a desconfiar. Desconfiei da sua pedagogia – as crianças nascem de pau, mas, se forem obedientes aos pais, não fugirem das aulas e não se deixarem seduzir pelas tentações das artes, poderão ser transformadas em crianças de carne e osso. Acho que o oposto está mais próximo da verdade. Até escrevi um livrinho a que dei o título de *Pinóquio às avessas*.* É sobre um menino que nasceu de carne e osso e, ao se diplomar, viu-se transformado num computador.

Permito-me sugerir aos educadores e pais que leiam o maravilhoso capítulo “Os devaneios voltados para a infância”, do livro de Gaston Bachelard *A poética do devaneio*. Não conheço obra alguma em que a alma da criança seja representada com maior beleza. Deixarei aqui algumas de suas frases soltas, que podem ser degustadas com prazer na esperança de que possam ser o início da grande leitura:

Um excesso de infância é um germe de poema. A criança sabe que a lua, esse grande pássaro louro, tem seu ninho nalguma parte da floresta.

É no último quartel da vida que compreendemos as solidões do primeiro quartel, quando a solidão da idade provectora repercute sobre as solidões esquecidas da infância.

Talvez seja essa a explicação para o fato de que os avós entendem mais os netos do que os pais entendem os filhos. Os pais querem administrar a vida dos filhos – as crianças que brincam devem ser transformadas em adultos que trabalham. Já os avós, porque o tempo que lhes resta é pouco, não pretendem transformar os netos em coisa alguma. Eles só desejam gozá-los.

A Infância vê o Mundo ilustrado, o Mundo com suas cores primeiras, suas

cores verdadeiras.

O neurologista Oliver Sacks relata o caso de um pintor que, após sofrer um acidente, passou a ver o mundo em preto e branco. Talvez seja isso que acontece conosco ao nos tornarmos adultos: passamos a pintar o arco-íris de cinza.

A inquietação que temos pela criança sustenta uma coragem invencível...

Inquietação. Leio essa palavra vagarosamente. Eu nunca havia pensado nela! Não estou conseguindo dormir. Viro-me e reviro-me na cama. Estou inquieto. Há uma criança que depende de mim... Talvez uma dose de inquietação por uma criança no coração de um professor fosse suficiente para transformá-lo em educador!

Os gregos diziam que é quando o olhar fica assombrado diante do mundo que se começa a pensar. O olhar das crianças é um olhar assombrado. Estão vendo o mundo pela primeira vez.

Era o aniversário de minha neta Mariana, 2 anos. Sua mãe, como toda mãe, preparou uma festa com bexigas coloridas, figuras de Walt Disney e bolo. Os amiguinhos, alegres, estavam reunidos na casa. Mas onde estaria Mariana? Ela desaparecera. Fui procurá-la. Encontrei-a agachada na grama que estava encharcada pela água da chuva. A posição do seu rosto revelava grande concentração. Alguma coisa a fascinava. Aproximei-me. O objeto fascinante era uma minhoca que havia saído da terra para não se afogar. Para Mariana, a minhoca era mais assombrosa que bexigas coloridas, figuras de Walt Disney e bolo. Essas coisas ela já havia visto muitas vezes. Mas a minhoca, era a primeira vez que estava vendo.

O segundo livro de Korczak tem o título de *Quando eu voltar a ser criança*.

Alberto Caeiro tinha premonições de que morreria jovem. Se isso acontecer, escreveu aos seus leitores, saibam que “nunca fui senão uma criança que brincava”. Os poetas sabem que as crianças sabem coisas que não sabemos. Mas, à medida que crescem, elas as esquecem. Será a educação que faz isso?

Espero que vocês, leitores, não se enfadem com as citações que vou fazer. Se outros disseram de forma muito mais precisa, por que razão eu escreveria as mesmas coisas do meu jeito?

Primeiro Groddeck, poeta que descobriu a psicanálise junto com Freud. Ele não tinha dúvidas. Disse sem explicar: “O objetivo da vida é ser criança”. E, ao assim dizer, se separou de Freud, que achava que o objetivo da vida era deixar a infância para trás.

Depois, a sabedoria milenar do *Tao Te Ching*: “O sábio é tímido e humilde – o mundo não o entende. Ele se comporta como uma criança pequena”.

Bernardo Soares, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, foi mais rude:

Sim, julgo às vezes, considerando a diferença hedionda entre a inteligência das crianças e a estupidez dos adultos, que somos acompanhados na infância por um espírito da guarda, que nos empresta a própria inteligência astral, e que depois, talvez com pena, mas por uma lei alta, nos abandona, como as mães animais às crias crescidas [...] (*Livro do desassossego*).

Por fim Korczak, dirigindo-se aos professores:

Vocês dizem: “Cansa-nos ter de conviver com as crianças”. Têm razão. Vocês dizem ainda: “Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão”. Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado. Nisso estão equivocados. Não é isso que nos cansa, e sim o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças. Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão. Para não machucá-las (*Quando eu voltar a ser criança*).

Ao fim, fica a pergunta: Não seria apropriado criar uma nova pedagogia cujo objetivo fosse a recuperação da criança que perdemos ao nos tornar adultos? Parafrazeando Proust, o lema dessa nova pedagogia teria de ser “Em busca da infância perdida”. Fernando Pessoa se alegraria, pois escreveu no poema “Mestre” que é preciso viver

Tendo as crianças

Por nossas mestras,

E os olhos cheios

De natureza...

Nota

* Campinas: Verus, 2005.

A SALA DA DIRETORA



Há um livro que nunca li, mas entendi só pelo título: *A linguagem do corpo*. O corpo tem uma linguagem silenciosa de gestos, o jeito das mãos, a posição das pernas, a música da voz. Nunca fique afundado na poltrona ao receber a visita de uma pessoa chata. Essa posição está dizendo que você está feliz. Para dar o sinal para ela ir embora sem ser grosseiro, sente-se na beirada da cadeira, com as mãos sobre os joelhos, os dedos tamborilando...

O mesmo vale para as casas. As casas falam. Transmitem mensagens aos visitantes. Tenho um conhecido muito rico. O apartamento dele é um luxo. Ele pensou que a melhor coisa seria contratar um decorador. O decorador (mau psicólogo) pôs-se a campo e comprou quadros, objetos de arte, tapetes. A decoração ficou rica. Mas a atmosfera é de um mausoléu. Porque não existe nada no apartamento que se pareça com o dono. A casa tem que ter a cara da gente. Casas são espelhos, revelam a alma.

Isso vale para todos os espaços: igrejas, escritórios, restaurantes, escolas. Você

já notou que há restaurantes onde a gente gosta de ir por causa do ambiente físico? Tem um que frequento que parece a extensão da minha cozinha em Minas. Outros, a despeito da decoração rica, nos deixam frios. Sinto-me desconfortável em ambientes cheios de espelhos. Os espelhos estão sempre me vigiando. Perco a naturalidade. Por isso Edgar Allan Poe disse que um espelho nunca deve ser colocado num lugar onde a pessoa se veja refletida sem querer. Espelhos são uma violência. Quem foi que disse que quero me ver? Especialmente se eu for careca, barrigudo e tiver barbela de nelore?

Faz um tempo fui convidado para falar numa grande empresa estatal. O que lá vi, na visita preliminar pelas salas dos executivos, me obrigou a mudar o rumo da minha fala. Porque em todas as salas havia uma fotografia grande e solene do governador. Para que a fotografia do governador? Porque ele era bonito? Porque era amado? Ou porque era temido?

O que é que a sua sala, aquela em cuja porta está escrita a palavra “Diretoria”, está dizendo? Ela é a sala da “diretora”, uma função de poder, ou é a sua sala? “Sua sala” quer dizer “a sala onde você colocou suas marcas”. Aquela sala é uma extensão de você, o seu espaço. Os bichos põem marcas no espaço. Os pássaros cantam – o espaço onde se ouve esse canto é dele. Os cachorros – bem, não vou dizer o que eles fazem para marcar o espaço.

Se a sua sala for um lugar de poder, todos deverão entrar ali pedindo licença. Conheci um reitor baixinho que tinha raiva de ser baixinho. E, para que sua sala tivesse a marca de sua autoridade, mandou fazer um estrado onde colocou sua mesa. Assim ele estava sempre por cima...

Mas esse não é o seu caso. Lembre-se do Roland Barthes: maternagem, um espaço manso de acolhimento e liberdade. Sua presença deve ser tranquilizadora para os funcionários, os professores e as crianças.

Que fotografias você tem lá? Por que elas estão lá? Por causa do poder ou da bondade? Há tantas pessoas que simbolizam bondade. São Francisco de Assis, Janusz Korczak, o barbudo ancião Paulo Freire. E há *posters* lindos de crianças. A Unesco publica anualmente calendários com fotografias de crianças de todo o mundo.

E lá deverão estar fotografias suas de quando você era criança. Você nenzinho, bilu-bilu; você aos 7 anos, banguela; você adolescente, mascando chiclete; e, finalmente, você como é agora. Juro que sua sala vai se transformar

num lugar querido.

OS VESTIBULINHOS



Liguei a televisão, coisa que faço raramente. Alegrei-me. Era uma longa esteira rolante, cheia de pintinhos, tão bonitinhos, amarelinhos, toda criança quer ter um pintinho... Para onde a esteira os estaria levando? Ai chegou um lugar onde havia outra esteira, vazia, ao lado daquela onde estavam os pintinhos. Ali algumas pessoas trabalhavam. Observavam os pintinhos com olhar concentrado. Sua missão era identificar aqueles que não se ajustavam ao perfil de pintinho sadio. Os pintinhos sadios seriam transformados em frangos economicamente rentáveis. Os pintinhos que não se ajustavam ao perfil eram aqueles com uma asa caída, sem uma perna, fraquinhos. Identificados os reprovados, os examinadores os pegavam e jogavam na esteira vazia. Essa esteira os levaria a outro destino, também rentável. Para onde a esteira vazia os estaria levando? Os rejeitados seriam conduzidos pela esteira a um triturador, que os transformaria em ração.

O destino dos pintinhos provocou minha imaginação, e vi muitas crianças

alegres, todas diferentes, ricas e pobres, saudáveis e fraquinhas, gordas e magras, numa longa esteira rolante. Brincavam. Ah! Como é bom brincar! A infância é tempo de brincar! Para onde a esteira as estaria levando? Aí aparecia uma esteira vazia ao lado da primeira. Nesta estava escrito “aprovados”; na segunda, “reprovados”. O nome dessa terrível bifurcação que separa os que se ajustam ao perfil, “aprovados”, daqueles que não se ajustam, “reprovados”, era “vestibulinho”. Cena do Juízo Final.

A lição duradoura, inesquecível, que as crianças carregarão pelo resto da vida será: quem não se ajusta ao perfil é excluído. Passa a pertencer ao rol dos derrotados. O vestibulinho, assim, não é um simples mecanismo burocrático de seleção. É um mecanismo que deixa um estigma na criança reprovada, estigma que marcará sua autoimagem pelo resto da vida e terá profunda influência sobre o desenvolvimento de sua inteligência. Os que se veem inferiores ficam inferiores.

Um dos passatempos dos pais – especialmente das mães – é contar as gracinhas e proezas de seus filhos para os outros. Aí os outros retrucam contando as gracinhas e proezas de seus próprios filhos. É um jogo narcísico, que tem os pais como jogadores e os filhos como peças. E esse jogo entra pela escola. Lembro-me do rosto de raiva com que uma mãe olhava para o filho que tirava notas más, ao compará-lo com os filhos das amigas, que tiravam notas boas. Como se ela dissesse para si mesma: *Eu sou mãe de um burro.*

Vestibulinhos: desde cedo as crianças aprendem que é preciso passar para que a mamãe e o papai fiquem orgulhosos e para que assim sejam gostadas. Mas quem está concentrado na obrigação de passar não tem condições de se concentrar no prazer de aprender. Os vestibulinhos, a meu ver, são uma catástrofe pedagógica e psicológica que tem de ser abolida por amor às crianças.

O Conselho Nacional de Educação já os proibiu, por meio do Parecer nº 26/2003, que dispõe o seguinte: “A avaliação para acesso à educação infantil e à primeira série do ensino fundamental não pode ter efeito classificatório, não se admitindo a reprovação ou os chamados ‘vestibulinhos’”. Mas, em confronto com o parecer do CNE, o Conselho de Educação do Estado de São Paulo, mediante o Parecer nº 124/2004, passou a permitir a realização dos ditos vestibulinhos.

Educadores, protejam as crianças!

O NINHO DO GUAXO



Sonho é uma coisa que não existe no mundo de fora, mas existe no mundo de dentro. Existe no mundo de dentro provisoriamente, porque os sonhos são como crianças: querem nascer.

Acho que os bichos sonham. Olho para uma árvore. Não vejo nada de extraordinário. Passado um mês, passo novamente pela mesma árvore. Lá está um objeto fantástico, um ninho de guaxo. O ninho de guaxo tem forma de jaca. É tecido em volta de um ramo pendente com pequenos galhos entrelaçados. Pergunto-me: Como foi que o guaxo aprendeu a construir aquela obra de arte? Quem lhe ensinou? Respondo: O guaxo construiu o ninho do lado de fora porque ele já existia virtualmente do lado de dentro. Aquele ninho era seu sonho.

O guaxo sonhou seu ninho no tempo presente. Mas o presente de todo sonho tem, dentro de si, um futuro. Esse futuro se chama esperança. O guaxo trabalhava “na esperança”. Ele não sabia disso com a cabeça. Mas seu corpo sabia. Há muitas coisas que o corpo sabe e a cabeça, não.

Reescrevo o primeiro verso do Evangelho de João: “No princípio era o sonho”. Antes que Deus criasse o paraíso, ele (ou ela, não sei bem...) sonhou com um paraíso.

Tudo começa nos sonhos. Sonho com uma viagem à Patagônia. Ai minha cabeça começa a pensar: *O que fazer para ir até a Patagônia?* Sonho em construir uma casa. Ai minha cabeça pensa: *Que tenho de fazer para construir uma casa?* É o sonho que faz pensar. Sem sonho não há pensamento.

Pensamos porque desejamos realizar o sonho. Informado pela inteligência sobre o que fazer para realizar o sonho, o corpo trabalha. “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.” Assim disse Fernando Pessoa.

Para isto existem as escolas – para fazer sonhar e fazer pensar. Do sonho e do pensamento surge a obra. No caso do guaxo, o sonho a ser tornado realidade era o ninho. No caso do Criador, o sonho a ser tornado realidade era um jardim. O guaxo e o Criador procedem da mesma forma.

Imaginem agora que o guaxo foi à escola para aprender arte. E que lá tivesse aprendido a selecionar e a cortar os galhos, bem como a trançá-los, tendo sempre tirado as maiores notas nas avaliações. Só que ninguém lhe falou sobre o ninho. Ninguém lhe disse que aquelas artes serviam apenas para realizar um sonho. Pobre guaxo. Nunca sonhou um ninho. Passou o resto da vida cortando galhinhos e entrelaçando-os. Mas galhos solitários não fazem ninhos.

Nas várias disciplinas que se ensinam nas escolas, as crianças aprendem a cortar galhos de vários tipos e, eventualmente, a tecê-los segundo padrões transversais. Mas eu gostaria de saber quando é que elas aprendem a sonhar. Na verdade, nem é preciso aprender. Toda criança está cheia de sonhos. A realização dos sonhos requer uma coisa apenas: coragem. Onde estão os sonhos nas grades curriculares?

Queria sugerir a vocês, professores, que, no seu mister de ensinar a arte dos galhinhos, se perguntassem: “Qual é o sonho?” Os primeiros sonhos são os individuais. Depois eles viram sonhos grandes. Como na música “A banda”, do Chico Buarque. No início, cada um sonhava seu sonho pequeno. Mas, quando a banda passou, as pessoas se esqueceram de seus sonhos pequenos e começaram a sonhar juntas um único sonho grande.

É assim, pelo poder do grande sonho, que os gravetinhos esparramados podem se juntar para construir um país. Afinal de contas, o país é nosso ninho de guaxo.

AGRIPE LITERÁRIA



Epitáfio é uma frase que se grava numa lápide, contando algo sobre o enterrado. Já escolhi o meu. Não é original. É o mesmo de Robert Frost: “Teve um caso de amor com a vida”.

Caminhando pelo cemitério, as lápides vão se sucedendo, graves e fúnebres, afirmando: “Aqui jaz..”, “Aqui jaz..” De repente os olhos batem numa frase estranha: “Eu não estou aqui”. É o epitáfio que Mário Quintana escolheu para si mesmo. Ele gostava de brincar.

Desde menino brincava com coisas graves. “Sempre fui metafísico. Só penso na morte, em Deus e em como passar uma velhice confortável.” Mas esses urubus negros que nos assombam, ele os transformava em passarinhos: “Não tenho medo do sono eterno. O que me dá medo é a insônia eterna”.

Um dia... pronto! Me acabo.

Pois seja o que tem de ser.

Morrer, que me importa?
O diabo é deixar de viver.
("Libertação")

Sofreu. Para dizer do seu sofrimento, escreveu:

Da vez primeira em que me assassinaram,
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.
Depois, a cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha.
("A rua dos cataventos")

Mas, passado o sofrimento, ele se vingou:

Todos esses que aí estão
atravancando meu caminho,
eles passarão...
eu passarinho!
("Poeminha do contra")

Para ler Mário Quintana, há de se pular de galho em galho, como passarinho.

Pois eu ia pulando de galho em galho como passarinho. E, quanto mais alegre ficava, mais triste ficava. É que eu estava lendo sozinho. E a alegria na solidão é triste. Eu queria mesmo era estar numa roda de gente, professores e alunos, compartilhando a alegria de ler.

Aí me veio uma ideia doida: *Não seria possível que toda aula, de física, química, história, matemática, fosse iniciada com um poema ou um curto texto literário?* Por que não? Antigamente, as aulas em colégios católicos se iniciavam sempre rezando a Ave-Maria. Por que não rezar um poema? Todo poema é uma oração.

Quando se fala em poesia ou literatura, joga-se logo a bola para o professor de português. Mas na aula de português acontece uma coisa ruim – poesia e literatura passam a ser matéria obrigatória, coisa de programa, dever,

fichamentos, avaliações. E isso destrói o essencial: o prazer. Já nas aulas das outras disciplinas, poesia e literatura seriam prazer puro, prazer por prazer.

Esses cursos de reciclagem... Pressupõe-se que um professor mais bem informado ensina melhor. Tenho minhas dúvidas. Conheço enciclopédias ambulantes que não conseguem ensinar coisa alguma. Que tal, então, em vez de reciclagens sobre conteúdos e teorias, seminários de literatura e poesia para todos os professores, principalmente os que não são professores de português? Para que eles fiquem mais bonitos! A poesia embonitece. Começar pelo Mário Quintana, passando pelo Manoel de Barros, o Leminski, a Adélia Prado, o Bashô, o Mia Couto... Assim vai-se espalhando o vírus da “gripe literária”, que faz o milagre de transformar patos bamboleantes em passarinhos voantes. Eu gostaria de ter tido um passarinho voante como professor...

DEFENDENDO-SE DOS ADULTOS



Quero sugerir que a questão da democracia nas escolas é a questão da criação e da manutenção de um espaço manso em que os alunos tenham permissão para explorar o desejo de conhecer. Esse assunto liga o espaço do aluno, que é o espaço do seu corpo e de tudo que ele contém, ao espaço físico e social em que corpos de muitos alunos, professores e funcionários das escolas se movem.

Como ponto de partida para as minhas reflexões, vou a um texto de Gabriel García Márquez que há muito descansava em um dos meus arquivos. Leio a primeira frase. Ela diz tudo. Trata-se de uma confissão espantosa. O escritor confessa ter a esperança de que seu texto se constitua num “manual para que as crianças ousem se defender dos adultos na aprendizagem das artes e das letras”.

Defender-se dos adultos? Então os adultos são uma ameaça? Democracia tem a ver com quem define o espaço e quem manda no tempo. As escolas, nem é preciso dizer, são lugares onde os espaços são demarcados e os relógios determinam os ritmos. Vem a pergunta: Mas quem constrói as cercas? Quem

regula os relógios?

A resposta é fácil: são os adultos. Criança não tem poder, portanto criança não decide. Então escola é gaiola e criança é passarinho. Que a escola é gaiola não é novidade. Lá até os saberes vêm engradados, em “grades curriculares”. Até parece que foi um carcereiro desempregado que bolou essa expressão. E se foi de bom grado aceita sem que ninguém protestasse, é porque “grade” combina com o espírito da escola.

Guimarães Rosa escreveu que não gostava de falar da infância porque havia sempre

peças grandes incomodando a gente, intervindo [...], estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. [...] tempo bom, de verdade, só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta (*Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa*).

Os “grandes” de uma certa cidade, movidos pelas mais puras intenções democráticas, resolveram fazer uma reunião geral para que as coisas das escolas fossem decididas democraticamente. Com tal propósito, reuniram diretores, inspetores, professores, secretários, serventes. Realizado o evento, pediram a minha opinião. Respondi com uma pergunta apenas: “Onde estavam as crianças?”

Será que eu estarei sendo injusto ao sugerir que não acreditamos na inteligência e na responsabilidade das crianças e que, por isso mesmo, elas não se qualificam como pessoas capazes de tomar decisões para a coletividade escolar? Mas, se elas não têm capacidade de tomar decisões para a coletividade escolar, não possuem as qualidades necessárias para decidir sobre o espaço e sobre o tempo das escolas. São, portanto, seres passivos, incompetentes para o exercício democrático do poder. O que elas sentem e pensam não precisa ser levado em consideração.

O fato é que, nas escolas, são os adultos que detêm o monopólio do poder. Eles têm o poder de decidir. Pergunto, então, se os problemas de indisciplina e violência que frequentemente infernizam a convivência nas escolas não se

explicariam como a rebelião dos sem-poder contra os detentores do monopólio do poder.

Assim levanto a hipótese de que a democratização da vida nas escolas se iniciará quando as crianças e os adolescentes começarem a ser ouvidos e levados a sério na tomada das decisões, quaisquer que forem elas. Aprendi isso numa escola de Portugal, a Escola da Ponte – onde os diretores e professores abriram mão do seu poder e o distribuíram por toda a comunidade escolar. Se vocês quiserem saber mais, é só ler o meu livro *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*.*

Nota

* Campinas: Papirus, 2001.

APRENDENDO COM AS CARAVELAS



Com duas frases curtas, a menina me explicou o jeito de se aprender na sua escola, a Escola da Ponte, em Portugal. Era minha primeira visita, e tudo me espantava e me fazia perguntar. As crianças estavam todas misturadas numa única sala, pequenas, grandes, crianças com síndrome de Down. Numa parede estavam escritas palavras com letras grandes, referentes à descoberta do Brasil – era o ano 2000. Apontei com o dedo e perguntei: “E aquelas frases?” Ela me respondeu sem titubear: “É que os miúdos estão a aprender a ler. Aqui não aprendemos nem letras nem sílabas, só aprendemos totalidades”.

Como é que as crianças aprendem a falar? Aprendendo os sons, um de cada vez? Algum tolo pensará que a linguagem se aprende aprendendo-se os sons das letras do alfabeto? Imagine que você vai ensinar uma criança a falar ensinando os sons. Você vai dar risadas: ffff, ssss, rrrr... As crianças não aprendem sons, aprendem “totalidades”, palavras inteiras. Porque sons isolados não fazem sentido. Primeiro a palavra. Depois sons e sílabas.

E como é que se aprende música? Aprendendo cada nota e cada acorde isoladamente? Não. Aprende-se a música inteira. Porque o sentido e a beleza da música não se encontram nas notas e acordes isolados. É preciso ouvir a música inteira para que notas e acordes fiquem belos.

“Interdisciplinaridade” e “transdisciplinaridade” são palavras de muito uso e respeitabilidade acadêmica. Mas não gosto de nenhuma das duas. Porque essas palavras pressupõem que o conhecimento começa com as disciplinas isoladas – como as letras e sílabas, os sons e acordes – e depois, por meio de um processo de “costura” – o “inter”, o “trans” –, o sentido vai surgir.

Eu acho que é exatamente o contrário: primeiro, o objeto inteiro. Se olharmos com cuidado para o objeto, ele vai nos fazer perguntas. A inteligência, então, vendo o objeto inteiro, se dirige às partes para decifrá-lo. Primeiro a mexerica inteira, depois os gomos.

Voltemos à Escola da Ponte. Como parte do programa de se entender o descobrimento do Brasil, um grupo de crianças resolveu estudar as caravelas. Uma caravela – eis um objeto a ser compreendido.

Que enigmas contém uma caravela com suas velas enfunadas navegando na direção do Brasil! Acho que o primeiro enigma é: Por que uma caravela tão pesada não afunda? Conta-se de um caipira que, havendo conhecido um navio no porto, voltou para casa e anunciou que ferro não afunda n’água. E para provar jogou um machado no poço. Por que um machado que pesa pouco afunda, e o navio que pesa muito não afunda? Aí o Arquimedes se apresenta para dar a resposta: “Todo corpo mergulhado num fluido” etc. – o resto vocês já sabem.

O que flutua melhor? Um navio vazio ou um navio cheio? O que flutua melhor? Um copo vazio na água ou um copo cheio pela metade na água? Faz alguns anos, descobriram numa baía da Suécia um famoso navio chamado *Wasa*. Ele naufragou logo depois de ter sido lançado ao mar porque estava leve demais. Por isso é preciso pôr lastro no navio, e é preciso ficar agachado no fundo da canoa para ela não virar. Uma caravela que o Brasil fez para comemorar os quinhentos anos do descobrimento não pôde navegar por perigo de naufragar. Os portugueses de há quinhentos anos sabiam melhor que nossos engenheiros navais.

Mas tudo isso que eu falei tem a ver com uma coisa chamada “centro de gravidade”. Aquelas varas de ferro com as pontas curvadas para baixo que no circo os que andam no arame carregam – são elas que põem no lugar o centro

de gravidade do equilibrista, impedindo que ele caia.

E como é que um barco a vela, tocado pelo vento, pode navegar de atravessado e mesmo contra a direção do vento? Aí a lei da combinação de forças – também chamada de lei do paralelogramo – vem em nosso auxílio. Vento e leme combinados produzem a direção desejada, ainda que seja contra a direção do vento.

Mas aí vem a pergunta: Como é que os navegantes, soltos no imenso mar azul, sabem qual é a direção, sendo que não há um único sinal de terra para orientá-los? É verdade, não há um único sinal na terra, mas os céus estão cheios de sinais, as estrelas. Aí, para compreender como se navega, é preciso entender a astronomia. Será que nossas crianças e professores sabem um pouquinho de astronomia, o nome de algumas estrelas e constelações? É preciso até para entender poesia:

Muitas velas. Muitos remos.

Âncora é outro falar...

Tempo que navegaremos
não se pode calcular.

Vimos as Plêiades. Vemos
agora a Estrela Polar.
("O rei do mar")

A Cecília Meireles sabia que não basta remo e vela, é preciso entender as estrelas.

As caravelas nos conduzem à história, às navegações, à poesia:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(Fernando Pessoa, “Mar português”)

E assim, partindo da caravela e ouvindo suas perguntas, nos tornamos navegadores nos mares da física, da astronomia, da geografia, da poesia...

PROFESSORES DE QUE NÃO ME ESQUEÇO



Lembro-me com prazer de um efêmero professor de história. Era o desleixo na roupa, na barba e na fala. Sua aparência física era o normal pelo avesso. Ensinava história ao contrário. Ditava as aulas como os outros, mas por razões totalmente diferentes. Os outros ditavam porque não sabiam o que era ensinar nem o que era aprender. Ele ditava porque o que tinha a ensinar não se encontrava nos livros. Ensinava uma história proibida.

Paul Veyne publicou o livro *Como se escreve a história* em 1970. Está lá: “História não existe. Há somente ‘histórias de’ [...]. Os fatos não existem. A única coisa que há são intrigas”. Intrigas daqueles que escrevem para os que têm poder. Quase um século antes, Nietzsche já havia afirmado: “Contra o positivismo que diz ‘só há fatos’, eu diria: não, são precisamente os fatos que não existem, apenas interpretações”.

Foi isso que aquele professor ao avesso me ensinou, mais de vinte anos antes

do livro de Veyne. “Vocês acham mesmo que o imperador Pedro I estava montado a cavalo no alto de um morro e que puxou a espada e gritou ‘Independência ou morte’? A história não acontece segundo a pintam os pintores por encomenda. O imperador estava com uma diarreia terrível, e o que ele falou foi uma série de palavrões e maldições contra o seu pai, em meio a explosões de fezes e ventilações malcheirosas. Os livros de história dizem que cada herói falou uma frase célebre. ‘Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!’ ‘O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!’ Será que havia sempre um escriba acompanhando os heróis para registrar seus súbitos arroubos literários?” No semestre seguinte ele não voltou. Acho que o colégio não aprovava professores que ensinavam história pelo avesso.

E de um outro professor que não conheci, sei porque me contaram. Professor de química. Um de seus alunos era um zero na matéria, era certo que seria reprovado. O professor começou a ficar aflito com o destino escolar do adolescente e o chamou para uma conversa amigável.

– Você está com notas muito baixas em química. Continuando assim, vai ser reprovado...

– Está certo, professor. Mas eu não gosto de química, minha cabeça se recusa a aprender química.

– Mas não lhe falta inteligência. Leio o jornalzinho da escola e em todas as edições há um artigo seu...

O aluno sorriu.

– Literatura. Eu amo literatura.

O professor parou, meditou e concluiu:

– Não há nenhuma razão por que um escritor deva saber resolver problemas de química. Vou ajudar você. Vou lhe dar uma espécie de “cola”, coisa proibida...

E assim aconteceu. O professor ensinou as respostas ao aluno. Ele passou de ano e hoje é escritor famoso. Esse professor sabia que a vocação do aluno era mais importante que resolver problemas de química. Pena que eu não saiba o nome do professor...

AVALIAÇÃO: A MÁQUINA DE FAZER SALSICHAS



O título mais simples para este texto seria “Avaliação da educação”. Mas não quero misturar “educação” com aquilo que as escolas fazem. A educação é algo que transborda dos limites das escolas. Por vezes se choca com as escolas. Acho que foi Mark Twain quem disse que não permitia que a escola interferisse na sua educação. Educação é aquilo que passa a fazer parte do nosso ser. Parte do que sou tem a ver com a música erudita, sobre a qual nada se disse nas escolas que frequentei. Era como se não existisse. Não fazia parte do programa. O mesmo é verdadeiro em relação ao meu prazer em ler, escrever, contemplar a natureza. Essas coisas são parte de mim. Mas não foi na escola que as aprendi.

Quando um professor tenta ensinar alguma coisa, tem de pressupor que aquilo é importante, não vai ser esquecido, vai fazer diferença na vida do aluno. Caso contrário, seu trabalho não terá sentido. Assim, ele deve ter a curiosidade de saber sobre o destino das informações e habilidades que tentou ensinar. O que aconteceu com elas?

Quero sugerir um método para fazer isso valendo-me de uma metáfora. Imagine que você resolveu se dedicar ao negócio de fabricação de salsichas. Para isso, para transformar carne em salsichas, há uma máquina. Numa das extremidades coloca-se a carne. Aperta-se um botão. A máquina se põe a funcionar. Na outra extremidade saem as salsichas, prontinhas. Para avaliar se a máquina é comercialmente vantajosa, basta comparar o peso da carne que foi colocada no funil de entrada com o peso das salsichas produzidas. Se, na entrada, se colocaram cem quilos de carne e saíram 95 quilos de salsicha, a máquina é ótima. Mas, se só saírem dez quilos de salsicha, ela não presta.

Imaginei que se poderia avaliar o desempenho das escolas por meio de um exame elaborado segundo o modelo da máquina de salsichas. O objetivo seria comparar o que entrou com o que ficou. Frequentei escolas por dezessete anos – quatro anos no curso primário, um no curso de admissão, quatro no ginásio, três no científico e cinco no curso superior. Multipliquei o número de horas pelo número de dias pelo número de meses pelo número de anos e cheguei a 16.320 – o número de horas que passei sentado em carteiras ouvindo as coisas que os professores tentavam me ensinar. É claro que esse número deve estar errado. De qualquer forma, é muito o tempo de vida que se passa sentado nos bancos escolares. O que ficou? O exame seria assim:

Primeiro, o programa seria constituído de tudo, absolutamente tudo que se pretendeu ensinar nesses dezessete anos, do primeiro ao último ano.

Segundo, aqueles que vão fazer o exame não assinarão o nome, porque o que se procura não é o desempenho individual, mas o desempenho da máquina escolar.

Terceiro, será proibido frequentar cursos preparatórios para tais exames. Será proibido também recordar a matéria. Se isso fosse feito, o propósito do exame seria prejudicado. Imagine que um diabético tem de fazer um exame de sangue para testar seu nível glicêmico. Mas ele, malandro, querendo enganar o médico, na véspera do exame só come alface com bife e, no dia seguinte pela manhã, toma um comprimido de Amaryl. O resultado do exame seria totalmente falso. *O aprendido é aquilo que fica depois que o esquecimento fez seu trabalho.* O exame que proponho quer saber o que sobrou. Se os examinandos se prepararem, os resultados não revelarão o que realmente ficou, mas o que foi colocado na memória na última hora.

Eu me sairia muito mal. Não me lembro das classificações das rochas. Lembro-me dos nomes “dolomita” e “piroclástico”, mas não sei o que significam. Esqueci-me do crivo de Eratóstenes. Não sei calcular raiz quadrada. Não sei onde se encontra a serra da Mata da Corda. Também me esqueci das dinastias dos faraós e do nome dos imperadores romanos. Lembro-me do princípio de Arquimedes, mas não sei a lei de Avogadro. Não aprendi latim, o que me causa grande dor, porque latim é música. Sei pouquíssimo de análise sintática, o que não me faz falta para escrever. Escrevo com o ouvido. Acho que, dos 100% de saberes que as escolas tentaram enfiar dentro de mim, só sobraram uns 10%. Você depositaria suas economias mensalmente num fundo de investimento, por dezessete anos, se soubesse que depois desse tempo receberia só 10% do que depositou?

Alguns concluirão que a culpa é dos professores. Outros, que a culpa é dos alunos. Não creio que a culpa seja dos professores nem dos alunos. Acho mesmo é que a culpa é da carne que se põe na máquina – ela está estragada. As salsichas cheiram mal. O nariz as reprova. Se comidas, produzem perturbações gástricas. O jeito é vomitá-las. Conclusão: o desempenho das escolas melhorará se a carne estragada for substituída por uma carne que produz salsichas apetitosas...

PRIMEIRO AMAR, DEPOIS CONHECER



Pelo que sei, o homem mais curioso que a humanidade já produziu foi Leonardo da Vinci. Sua curiosidade não tinha limites. Pintor, músico, construtor de instrumentos musicais, compunha, improvisava, era arquiteto, escultor, imaginava máquinas de todos os tipos, inclusive voadoras, estudou fósseis, meteorologia, anatomia, amava os cavalos. Além de tudo isso, ele se dedicava à culinária. No fim do século XV, foi trabalhar na corte de Ludovico Sforza, governante e protetor da cidade de Milão. Ali, não só inventava utensílios culinários (foi ele que inventou a tampa de panela) como também coordenava eventos pantagruélicos. Alguns dos pratos que preparava e que eram servidos nos banquetes eram: crista de galo com miolo de pão, testículo de carneiro com creme e mel, rabo de porco com polenta, pastelão de cabeça de cabra, sopa de rã, enguia cozida, galinha recheada de uva, sopa de caracol, intestino de truta... Se hoje Leonardo da Vinci, desempregado, se dirigisse a uma empresa e colocasse no *curriculum vitae* todos esses interesses, seria motivo de riso para ser

logo descartado como maluco. A IBM produziu há alguns anos um vídeo fascinante sobre a vida dele, que as escolas fariam bem em mostrar aos alunos.

Li em algum lugar que Leonardo da Vinci afirmou que só podemos amar as coisas que conhecemos. Com todo respeito e admiração que tenho por ele, sou forçado a discordar. Eu acho o contrário – só podemos conhecer as coisas que amamos. As Sagradas Escrituras têm uma curiosa forma de falar sobre a experiência amorosa. Elas dizem: “E Adão conheceu a sua mulher, e ela pariu [...]”. O amor é o pré-requisito para a penetração do objeto amado. Só então ele é conhecido. Primeiro amar, depois conhecer. Anselmo, um dos mais extraordinários pensadores da Igreja, escreveu um livro com o título *Fides quaerens intellectum*, que traduzido literalmente é “a fé em busca do entendimento”, o mesmo que “o afeto em busca da inteligência”.

Da Vinci não conheceu o mistério do voo para depois amar o voo das aves. Foi, ao contrário, seu fascínio pelas aves em voo que o levou a uma longa aventura intelectual e de engenharia para conhecer o voo e construir uma máquina voadora. Foi o amor à pintura que o levou a uma infinidade de experimentos químicos para produzir novos tipos de tintas que pudessem resistir à ação do tempo. Meu amigo Eduardo Chaves, comentando o livro *Inteligência emocional*, observou: “A inteligência não procura a emoção. É a emoção que procura a inteligência”. O amor, coisa frágil, deseja ser eficaz. É a inteligência que dá eficácia ao desejo. O conhecimento é uma forma de possuir o objeto que se ama.

Sendo assim, chegamos à deliciosa conclusão de que o professor, antes de ser um ensinador de saberes, é um provocador de amor. É preciso que os alunos estejam eroticamente excitados pelo objeto para que desejem possuí-lo pela penetração da inteligência. Se assim não for, se os alunos não forem excitados eroticamente pelo objeto, tudo que lhes for ensinado será rapidamente esquecido. O professor, assim, seguindo a sugestão de Roland Barthes, é um mestre do *Kama sutra* – ele ensina as várias maneiras de conhecer, no sentido bíblico, o objeto.

A PEDAGOGIA DOS CARACÓIS



Os caracóis são moluscos lerdos. Andam muito, muito devagar. Ninguém tomaria os caracóis como exemplo. Embora suas conchas sejam belas e construídas com precisão matemática, o que chama a atenção de quem os observa é sua pachorra. Caracóis não têm pressa. Falta-lhes dinamismo, virtude essencial àqueles que vivem no mundo moderno. Quem anda devagar fica para trás.

Quem imaginaria que um educador, ao observar um caracol, tivesse uma inspiração pedagógica? Pois foi o que encontrei numa revista italiana que se dedica a pensar os rumos da escola, *CEM Mondialità*. A fotografia que ilustra o referido artigo é a de um menino, rosto apoiado na carteira, a observar tranquilamente um caracol que se arrasta sobre a tampa da mesa. E o título do artigo é “A pedagogia do caracol”. Caracol tem pedagogia a ensinar? O autor conta o sucedido com uma menininha que, ao voltar para casa, se queixou à mãe: “Mãe, os professores dizem: ‘É preciso andar rápido, nada de vagareza,

para frente, para frente!’ Mamãe, onde é a frente?’ E aí ele passa a falar sobre a virtude pedagógica da vagareza. Pode ser que “chegar na frente” não seja tão importante assim! Quem sabe o “estar indo” é mais educativo que o chegar? No “estar indo” aprende-se um jeito de ser.

Nietzsche se ria dos turistas que subiam as montanhas como animais, estúpidos e suados. Não haviam aprendido que há vistas maravilhosas no caminho que sobe. Riobaldo, do *Grande sertão: veredas*, concordaria e acrescentaria: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. O adágio da *Sonata ao luar*, de Beethoven, tocado em presto seria um horror. As notas seriam as mesmas. Mas a beleza não se encontra no presto – ela está é na vagareza do adágio.

O autor do artigo aconselha os professores a estar com seus alunos no ritmo do adágio. Sem pressa. A lentidão é uma virtude a ser aprendida num mundo em que a vida é obrigada a correr ao ritmo das máquinas. Gastar tempo conversando com os alunos. Saber sobre sua vida, seus sonhos. Que importa que o programa fique atrasado? A vida é vagarosa. Os processos vitais são vagarosos. Quando a vida se apressa, é porque algo não vai bem. Adrenalina no sangue, o coração disparado em fibrilação, diarreia.

Observar as nuvens. Conversar sobre suas formas. A observação das nuvens faz os pensamentos ficarem tranquilos. As notícias dos jornais são escritas depressa. Por isso têm curta duração. Mas a poesia se escreve devagar. Por isso ela não envelhece. É sempre nova. Inventaram essa monstruosidade chamada leitura dinâmica. O que a leitura dinâmica pressupõe é que um texto é feito com poucas ideias centrais, tudo o mais sendo encheção de linguiça. A técnica da leitura dinâmica é ir direto às ideias centrais, desprezando o resto como lixo.

Já imaginaram sexo dinâmico, sexo que dispensa os “entretantos” e vai direto ao “finalmente”? Essa é uma maneira canina de fazer amor. Mas não é a isso que os jovens são obrigados quando, ao se preparar para o vestibular, se põem a ler “resumos” de obras literárias? O resumo de uma obra literária é o resultado escrito da leitura dinâmica. É preciso ler tendo a lesma como modelo. Devagar. Por causa do prazer. O prazer anda devagar. Você leu este texto dinamicamente ou lesmicamente?

MEDITAÇÕES SOBRE A FELICIDADE



Reli, faz poucos dias, o livro de Hermann Hesse *O jogo das contas de vidro*. Bem ao final, à guisa de conclusão, está este poeminha de Rückert:

Nossos dias são preciosos
mas com alegria os vemos passando
se no seu lugar encontramos
uma coisa mais preciosa crescendo:
uma planta rara e exótica,
deleite de um coração jardineiro,
uma criança que estamos ensinando,
um livrinho que estamos escrevendo.

Esse poema fala de uma estranha alegria – aquela que se tem diante da coisa triste que é a passagem do tempo. A alegria está no jardim que se planta, na

criança que se ensina, no livro que se escreve. Senti que eu mesmo poderia ter escrito essas palavras, pois sou jardineiro, sou professor e escrevo livrinhos.

Imagino que o poeta jamais pensaria em se aposentar. Da alegria não se aposenta. Algumas páginas antes, o herói da estória havia declarado que, ao final de sua longa caminhada pelas coisas mais altas do espírito, dentre as quais se destacava a familiaridade com a sublime beleza da música e da literatura, descobrira que ensinar era algo que lhe dava prazer igual, e que o prazer era tanto maior quanto mais jovens e mais livres fossem os alunos das deformações que as escolas produzem.

Ao ler o texto de Hesse, tive a impressão de que ele estava repetindo um tema que se encontra em Nietzsche, no prólogo de *Assim falava Zaratustra*. Antes o filósofo já havia escrito que não existe felicidade maior que “gerar um filho ou educar uma pessoa”. E é com o anúncio dessa felicidade que Zaratustra inicia sua missão de educador.

Quando Zaratustra tinha 30 anos de idade, deixou sua casa e o lago de sua casa e subiu para as montanhas. Ali ele gozou do seu espírito e da sua solidão, e por dez anos não se cansou. Mas, por fim, uma mudança veio ao seu coração e, numa manhã, levantou-se de madrugada, colocou-se diante do sol e assim lhe falou: “Tu, grande estrela, que seria de tua felicidade se não houvesse aqueles para quem brilhas? Por dez anos tu vieste à minha caverna: tu te terias cansado de tua luz e de tua jornada, se eu, minha águia e minha serpente não estivéssemos à tua espera. Mas a cada manhã te esperávamos e tomávamos de ti o teu transbordamento, e te bendizíamos por isso.

Eis que estou cansado na minha sabedoria, como uma abelha que ajuntou muito mel; tenho necessidade de mãos estendidas que a recebam. [...] Mas, para isso, tenho de descer às profundezas, como tu o fazes na noite e mergulhas no mar [...]. Como tu, eu também devo descer [...]. Abençoa, pois, a taça que deseja esvaziar-se de novo [...]”.

Assim se inicia a saga de Zaratustra, com uma meditação sobre a felicidade. A felicidade começa na solidão – uma taça que se deixa encher com a alegria que transborda do sol. Mas vem o tempo em que a taça se enche. Ela não pode

mais conter aquilo que recebe. Deseja transbordar. Acontece assim com a abelha que não consegue mais segurar em si o mel que ajuntou; acontece com o seio, túrgido de leite, que precisa da boca da criança que o esvazie. A felicidade solitária é dolorosa. Zaratustra percebe então que sua alma passa por uma metamorfose. Chegou a hora de uma alegria maior – a de compartilhar com os homens a felicidade que nele mora. Seus olhos procuram mãos estendidas que possam receber sua riqueza. Zaratustra, o sábio, transforma-se em mestre.

INTELIGÊNCIAS E LÂMPADAS



Quando eu era adolescente, acreditei em muita coisa doida e boba. Fui pego pela religião e acreditei que Deus era um torturador que tinha prazer vendo as almas arderem em chamas no inferno. Aliás, diga-se de passagem, todo mundo acreditava nisso. O teólogo oficial da Igreja Católica, Tomás de Aquino, escreveu em sua *Suma teológica*: “Deus e os santos, nos céus, contemplarão os condenados no inferno nos estertores do seu sofrimento, para que a sua alegria seja completa”. O Vinícius e o Chico também acreditaram.

Tenho vergonha do que pensei quando adolescente. Mais que vergonha, tenho raiva de mim mesmo, do que fui. Fui aquilo que hoje detesto: arrogante e presunçoso. Toda pessoa realmente religiosa tem de ser arrogante e presunçosa por crer, sem duvidar, nas coisas que a religião ensina. Como é que eu pude acreditar naquelas doideiras? E me pergunto: Onde estava minha inteligência? Onde estava a inteligência deles?

As estórias das *Mil e uma noites* me ajudam a entender. Lá se encontram

lâmpadas e garrafas onde vivem gênios aprisionados com poderes ilimitados. Se alguém – místico ou bandido, não importa – abre a tampa da garrafa, o gênio sai e se torna escravo daquele que o libertou. O gênio tem o poder dos deuses. Mas não tem vontade própria. Faz o que seu mestre ordena.

O místico lhe dirá que deseja ver Deus. O gênio, sem discutir, o levará ao paraíso. O bandido dirá que deseja roubar o tesouro de Ali Babá. O gênio o levará até a gruta e a abrirá dizendo: “Abre-te, sésamo”.

Assim é a inteligência – um poder sem discriminação moral, desconhece o bem e o mal. Pode produzir tanto armas letais como vacinas. Para distinguir entre o bem e o mal, a inteligência teria que ser serva da sabedoria. Mas, como o gênio da garrafa, ela é serva do coração do seu dono. A sabedoria mora em outro lugar.

Então o meu problema nada tinha a ver com a minha inteligência, que era então o que é hoje. O problema tinha a ver com o coração do dono da garrafa: eu.

* * *

A inteligência se parece com as lâmpadas. As lâmpadas servem para iluminar. Para isso são dotadas de potências de iluminação diferentes. Há lâmpadas de 60, 100, 150 watts. O número de watts diz o poder de iluminação da lâmpada.

Também as inteligências servem para iluminar. Nos gibis, os desenhistas desenham uma lâmpada acesa sobre a cabeça de alguém que tenha tido uma ideia brilhante. E as inteligências, à semelhança das lâmpadas, também têm potências de iluminação diferentes.

Os psicólogos inventaram testes com o objetivo de medir o poder de iluminação da inteligência, a que deram o nome de QI. Eu prefiro, em vez de QI, as letras WI, wattagem de inteligência. Essa imagem ilumina mais.

Há WIs as mais diferentes. Inteligências de WI 200 têm um extraordinário poder de iluminação. Havia um professor universitário que se gabava de ter WI 200 e, para provar, mostrava a carteirinha.

Mas as lâmpadas, a gente não fica olhando para elas. Olhamos para o objeto que elas iluminam. Uma lâmpada de 200 watts pode iluminar o rosto de dor de um homem numa câmara de tortura, enquanto uma lâmpada de 60 watts pode iluminar uma mãe embalando o filhinho.

As lâmpadas valem pelas cenas que iluminam, e não pelo poder de iluminar. Há inteligências de QI 200 que só iluminam esgotos e cemitérios. E há inteligências modestas que iluminam as asas de uma borboleta.

A inteligência, como as lâmpadas, não tem vontade. Ela obedece a mão que direciona seu foco. É mandada. Como o gênio.

O problema não estava na minha inteligência, mas no objeto que ela iluminava. Doideira. A escolha do objeto não é coisa da inteligência. É coisa do coração. Há inteligências brilhantes que estão a serviço da loucura.

ALBERT SCHWEITZER



Frequentava a igreja um senhor de voz mansa. Era o dr. Ruy Maia Pinheiro. Diferente dos outros, era doutor, falava inglês. Num dia em que o pastor faltou, foi ele quem fez o sermão no culto da manhã. Mas não foi sermão. Sermão tem de ter eloquência para convencer os fiéis. O dr. Ruy não tinha eloquência. Ele conversava. O sermão dele foi a história de um homem chamado Albert Schweitzer. Até hoje esse homem me inspira, como se fosse um são Francisco protestante. Escrevi sobre ele uma crônica, na esperança de que meus leitores ficassem tão comovidos quanto eu fiquei.

É um homem grande, 1,90 metro de altura, obviamente um homem forte. Os cabelos castanhos já estão grisalhos. E tem um grande bigode. Os olhos profundos são azuis e bondosos. E o piscar revela humor. Um veadinho se esfrega nele pedindo carinho, e sua mão grande deixa a caneta sobre a mesa e delicadamente agrada o bichinho. Lá fora os crocodilos algumas vezes dormem com suas enormes mandíbulas abertas. E há os hipopótamos, os pelicanos, a

vegetação impenetrável que se reflete nas águas barrentas do rio.

A aparência é de um homem solidamente plantado neste mundo. Mas não é verdade. Seu coração e sua cabeça movem-se de acordo com uma lógica estranha, de um outro mundo que só ele vê.

Nasceu em 1875, numa aldeia da Alsácia, filho de um pastor protestante. Desde muito cedo ficou claro que era diferente. Sua sensibilidade para a música beirava a dor. Ele mesmo conta que, na primeira vez em que ouviu duas vozes cantando em dueto – era muito pequeno ainda –, teve de se encostar na parede para não cair. Em outra ocasião, ouvindo pela primeira vez um conjunto de metais, quase desmaiou por excesso de prazer. Com 5 anos começou a tocar piano. Mas logo se apaixonou pelo órgão de tubos da igreja na qual o pai era pastor. Aos 9 anos, já era o organista oficial da igreja e tocava nos serviços religiosos.

Sentimento amoroso idêntico lhe provocavam os animais. Ele relata que mesmo antes de ir para a escola lhe era incompreensível o fato de que, nas orações da noite que sua mãe fazia com ele, apenas os seres humanos fossem mencionados. Escreveu: “Assim, quando minha mãe terminava as orações e me beijava, eu orava silenciosamente uma oração que compus para todas as criaturas vivas: ‘Oh, Pai celeste, protege e abençoa todas as coisas que vivem; guarda-as do mal e faz com que elas repousem em paz’”.

Ele conta de um incidente acontecido quando tinha 7 ou 8 anos. Um amigo mais velho o ensinou a fazer estilingues. Por pura brincadeira. Mas chegou um momento terrível. O amigo o convidou a ir para o bosque matar alguns pássaros. Pequeno, sem jeito de dizer não, ele foi. Chegaram a uma árvore ainda sem folhas onde pássaros estavam cantando. Então o amigo parou, pôs uma pedra no estilingue e se preparou para o tiro. Aterrorizado, ele não tinha coragem de fazer nada. Mas nesse momento os sinos da igreja começaram a tocar, ele se encheu de coragem e espantou os pássaros.

Seu amor pelas coisas vivas não se restringia aos animais. Ele sabia que por vezes era preciso que coisas vivas fossem mortas para que outros vivessem. Por exemplo: para que as vacas vivessem, os fazendeiros tinham de cortar a relva florida com ceifadeiras. Mas ele sofria vendo que, tendo terminado o trabalho de cortar a relva, ao voltar para casa, as ceifadeiras iam esmagando flores sem necessidade. Ele achava que as flores tinham o direito de viver.

Também não podia contemplar o sofrimento dos animais em cativeiro. “Detesto exposições de animais amestrados. Por quanto sofrimento aquelas pobres criaturas têm de passar a fim de dar uns poucos momentos de prazer a homens vazios de qualquer pensamento ou sentimento por eles.”

Esse jovem era Albert Schweitzer. Doutorou-se em música e tornou-se o maior intérprete de Bach na Europa, dando concertos continuamente. Doutorou-se em teologia e escreveu um dos mais importantes livros de teologia do século passado, *A busca do Jesus histórico*. Doutorou-se ainda em filosofia, foi professor na Universidade de Estrasburgo e também pastor e pregador.

Schweitzer tinha tudo aquilo que uma pessoa normal poderia desejar. Mas havia uma frase de Jesus que o perseguia sempre: “A quem muito se lhe deu, muito se lhe pedirá”. E, aos 20 anos, fez um trato com Deus. Até os 30 anos ele faria tudo aquilo que lhe dava prazer: daria concertos, falaria sobre literatura, teologia e filosofia. Aos 30 anos iniciaria um novo caminho. E foi o que fez. Aos 30 anos entrou para a escola de medicina, doutorou-se e mudou-se para a África, para tratar de pobres homens abandonados e doentes. Ali, em Lambaréné, no Gabão, viveu até morrer.

Havia uma questão filosófica que o perseguia. Seu pensamento não parava e ele se perguntava: Qual é o princípio ético fundamental? Ele conta como aconteceu. Era noite. Sua canoa, remada por remadores negros, subia o rio. Dos dois lados a floresta, com todas as suas vozes noturnas e seus mistérios. O céu estava coberto de estrelas, e os remos batiam na água num ritmo constante. De repente, como um relâmpago, lhe apareceu na cabeça a expressão “reverência pela vida”. *É isso*, ele pensou. *Reverência pela vida é o princípio ético fundamental*. Tudo que é vivo deseja viver. Tudo que é vivo tem o direito de viver.

Há algo estranho na psicologia de Schweitzer. Um dos maiores desejos da alma humana é o desejo de reconhecimento. Isso ele tinha desde a juventude. Era admirado universalmente como organista, filósofo, teólogo, escritor. Aos 20 e poucos anos, seu nome já era simbólico. Aí tomou uma decisão que o levaria para longe de todos os olhos que o admiravam – a absoluta solidão numa aldeia miserável do interior da África. Explicações? É possível que houvesse uma dose de loucura, se se entende por loucura pensar e fazer diferente de tudo que a maioria pensa e faz. Ou talvez ele fosse um santo. Ou as duas coisas ao mesmo tempo. Acho que histórias como a de Schweitzer deveriam ser contadas para as

crianças nas escolas.

* * *

Tenho aqui ao meu lado o CD *Lambarena – Bach to Africa*. Lambarena reúne os dois elementos essenciais do mundo dos sons de Schweitzer: a música de Bach e as melodias e os ritmos nativos de sua pátria adotiva, o Gabão. Essa obra é o resultado da colaboração de dois músicos dotados de um talento único: Hughes de Courson, compositor e produtor francês, e Pierre Akendengué, poeta, filósofo e guitarrista gabonês. Eles criaram um tecido sonoro fascinante composto pelas vozes dos cantos do Gabão e as melodias clássicas de Bach, perpassado integralmente pelos ritmos subjacentes da selva africana. Depois de meses de preparo, dez bandas do Gabão que haviam sido selecionadas viajaram a Paris para se reunir por quase cem dias num estúdio com executantes de música clássica ocidental, assim como tocadores de tango argentinos. Eu, quando ouço a quarta faixa, primeiro coro da *Paixão segundo são João*, ao ritmo sinistro da percussão – faz-me lembrar os barulhos do guizo de uma cascavel –, fico com o corpo todo arrepiado.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[PARTE 1 | PARA OS PAIS](#)

[A cebola](#)

[Livro que faz chorar](#)

[Os livros e a infidelidade](#)

[QI-WI](#)

[A pedagogia do furto](#)

[PARTE 2 | PARA OS EDUCADORES](#)

[A libélula e a tartaruga](#)

[Quanto custa um diploma?](#)

[Em busca da infância perdida](#)

[A sala da diretora](#)

[Os vestibulinhos](#)

[O ninho do guaxo](#)

[A gripe literária](#)

[Defendendo-se dos adultos](#)

[Aprendendo com as caravelas](#)

[Professores de que não me esqueço](#)

[Avaliação: a máquina de fazer salsichas](#)

[Primeiro amar, depois conhecer](#)

[A pedagogia dos caracóis](#)

[PARTE 3 | PARA A VIDA](#)

[Meditações sobre a felicidade](#)

[Inteligências e lâmpadas](#)

[Albert Schweitzer](#)

[Colofão](#)